

Ailton Ribeiro

Ailton Ribeiro

DÚVIDAS E LUZ

UTOPIA

2022

Armazém de Quinquilharias e Utopias

SOLIDÃO

Salvador 16/03/02

Angústia de morte,
Mar que me transporte,
Reverberação
De poesia e paixão
Introspectando-me
Nesta solidão.
Lembranças aguçadas
No degrau da escada,
Ânsia e desgosto na longa jornada,
Indolência que abate
Paciência e aparate.
Um poeta indeciso
A sentir-se um Narciso,
Brisa que esfria
O tom da poesia
E o poeta que implora
Por companhia
Do álcool, que foge
Dos filhos distantes,
Das rodas de amigos,
Das quais é amante.



CATA – DORES

04/06/02

Criaturas puras,
Pobres crianças,
Falta apetrecho,
Presença, infâncias,
Pais desterrados
Buscam futuros,
Mendigam noturnos
Seus palácios, ruas,
Banquetes, monturos,
Pais e filhos
Isolados, inseguros...

PSICOLOGIA

12/04/02

Ciência que busca
O mundo entender
Sonhos camuflados,
Homens enganados
Procurando saber
Os fatos da mente
E os atos dementes
Do último ser.
Psicologia, ciência
E magia
Que o louco adivinha
O que virá a ser.
Transformar rotina,
Revelar o sonho,
Desmistificar a morte
E procriar demônios.



INCÓGNITA

04/06/02

Queria a beleza do estar já vivido,
Do prazer já dos amigos,
De vida almejada,
Da sação, do plantado
Pra não obter as incógnitas
Dos mundos, da vida, dos seres
E de Deus.
Amém!

PESADELO BEIRA-MAR

Uma mãe aflita...
Filha no mar, psicose,
Sol escaldante na praia.
Afogamento!
Morte com diagnose
Do Rio Vermelho a Ondina,
Ondas do mar a levou.
Era branquinha, a menina
Que, no mar, mudou de cor.
O choro da mãe da menina
Toda praia escutou.
Foi um barqueiro e um surfista
Que o corpo resgatou.
Um a encontrou nas ondas
O outro, à praia a levou.
O desespero foi grande
Daquela mãe displicente,
Na histeria, gritou:
Mar devorador de gente!
Mar devorador de gente!
E o mar fez-se mais forte.
Mistério e maré enchente,
Poeta e pesadelo,
Netuno com seu tridente.



ÊXODO

Mulher vaidosa,
Proposta formosa,
Sonhos com príncipes
E vidas famosas,
Casamentos matutos,
Viveres astutos,
Epilepsia, tosse, escorbuto,
Adultérios, crimes, filhos,
Irreais, pesadelo, tédio,
Mortes passionais,
Peste, azar e fome,
Gente sem ter nome,
Hábitos, preconceitos,
Vidas, poesias, puta anestesia,
Tudo preso em guetos.



BOTICÁRIO

Morro, mato, monte é morro
Morro, mente, monte o morro
Num processo introspectivo,
No momento evolutivo
Em que eu ia me elevar,
... Dei uma escorregadela
E me vi na requenguela
Onde eu não quis lembrar.
A semente já murchou,
Morro grande desabou,
Mato morreu e murchou,
Minha história pecou,
Não pude nada montar.
Vivo noite, morro dia,
Faço guerra com alegria,
Sou charlatão na magia
Mente, muita fantasia,
Mistura pra alquimia.
Eu sou Otelo no amar.



MISS INGENUA AÇÃO

16/03/02

Negro na arte,
Negro na sorte,
Negro à parte,
Negro na morte,
Negro na rima,
Negro na cultura,
Negro que ensina
Nas raças a mistura,
Negro na história,
Negro na sociedade,
Negro é a glória
Da negra humanidade,
Negro é escuso
De qual quer liberdade,
Professor primitivo
De sociabilidade.



Ailton Ribeiro

A DOR DO CANTANTE

Canta, cantador
Que é dor demais pra revelar.
Canta e conta a dor
No violão a pinicar.
Pois, no pinicar da dor,
Tem um poeta pensador,
Trazendo humor no teu cantar.

REVOLTA

Quero falar-te com as minhas palavras, com palavras sutis e ignorantes, o que realmente estou sentindo sobre a vida, o mundo em que vivo e até mesmo as pessoas que nos circundam.

É que amizade não existe mais, o que existe realmente são comércio e interesses pessoais.

O povo é como um quadrangular de futebol, cada grupo luta para vencer o outro, pois, cada um quer ser apresentado como melhor.

O mundo é como uma bola, até quem não gosta de futebol dá um chute nela, para sentir-se livre dele.

A vida é como um sanitário de pobre, tudo nele é apertado, sendo a minha vida, a fossa, pois, nela só tem merda.

E quanto mais tento mexer com ela, a procura de melhoria, mais a coisa fede para o meu lado.

Olho para cima e não vejo mais solução, e sim, merda, que vem me encher dessa vida que é uma merda ou, que vem me encher dessa merda que é a vida.



EDIÇÃO DO LIVRO DA VIDA

15 /01/2014

Sei que a vida é assim, uma história com início e fim, porém, não escrita ainda, às vezes, no meio da vida é que a história nos brinda.

Histórias são feitas de atos, de sonhos e de vida real, cada vida com suas histórias, de momentos bons e de maus.

Histórias isoladas e conjuntas são vidas a se aglomerar, capítulos e páginas não lidas, escondidas, a se revelar. O tempo que nos dá a história, é o mesmo que tende a apagar.

Há pessoas que vivem pra o mundo e outras a se resguardar,

Há pessoas que fazem histórias e outras que as sabem contar,

Há pessoas que vivem a vida e outras que vivem a esperar.

O transporte da vida é o sonho, com desejo de realizar.

Quem não sonha, não vive, é máquina ou só número de gente a contar.

Uns que vivem esperando o futuro, vendo o presente em passado tornar.

Eloquente é quem vive o presente, o passado e o futuro é o estar.

Sonhemos, vivendo estes sonhos, quem sabe o amanhã se virá?

Pagaremos o preço devido, para o livro da vida editar.

Portanto, façamos histórias, contando com a sorte ou azar...

Dúvidas e Luz

O que deixamos da vida é memória,
Estórias a se historiar.



COM PAR AÇÃO

29/12/2013

Eu vivo na beira do mar,
Observando a planície das águas do mar.
O horizonte constante nas linhas que há
São os ofícios e os ócios
Do equilíbrio ao equinócio a se contrastar.
Pensando se cresce,
Meu corpo se aquece,
“Meu coco” se esquece
Da vida campestre
Bem longe de lá.
É à tarde que se afina...
Passo a sentir a neblina
Na brisa não fria
Com a maresia
Que se inicia e me desafia
Pra noite do mar.
Chego a pensar no sertão,
Pois, moço, não sou daqui não,
Também não sou da capital,
Venho aqui no litoral
Ver o mar unir o mundo inteiro
E o balé dos coqueiros,
Pois, sou catingueiro ou mesmo groteiro,
E da mesma nação,
Juntos, a tecnologia
Computa poder, poesia
Do mar e magia,

Dúvidas e Luz

Ar e respiração,
A noite que se torna dia,
Amor que se faz de orgia
Ao som da maré e maresia
Da televisão.



SAUDADE

Um dia, ela chega
E, como quem chega de passagem, sem muita bagagem,
pra não incomodar.
De repente, quando você sente, ela se instala e se faz
[revelar.
É tão esquisito, lhe deixa em conflito
Do querer, do ter, do poder e do estar.
Um desassossego do amor, de apego ao se afastar,
Eis que, inconsciente, algo grita à gente para retornar.
Abre-se a porta, lhe manda ir embora;
Varou-se o dia, rompeu-se a noite; chegou-se a aurora;
Fecha-se a porta, faz-se ela sair;
Cansado de tudo, precisa dormir;
Deita-se no leito, ela está ali.
Saudade, saudade só posso sentir.



NOITE DE ÁGUAS CLARAS

Os sons e a solidão das noites utinguenses
me levam à distâncias longas de um passado próximo.
... Ainda vivia minha aurora juvenil, quando nada disso
me tocava.

A companheira do amanhã já não tarda quanto antes.
Hoje, a morte está mais próxima...

E eu, distante. Quando voltarei a mim?

Quando poderei retornar ao meu espírito juvenil?

Até breve, consciência, vou viver o agora, mesmo estando
longe...

Mariazinha transportada às cachoeiras do Recanto Bar

E o alambique da praça, sobre a Ponte de Tábua, que hora
fica sob a sombra da igreja matriz.

Utinga, estou lúcido e vejo tudo...

Na normalidade mortis, desta noite solitária.



ORGULHO

22/01/14

Sou mestre da inércia...
Vago mundo e entro em mim,
passeio pelas guerras e, em silêncio,
fujo das tensões e tentações, meu corpo treme e teme
as explosões e estilhaços do mundo em que estou.
Grito, mas ninguém ouve; falo, mas não sou
[compreendido,
Parece, de repente, que estou em outro continente,
também não sei de onde cheguei, se é minha vez.
A comunicação pela fala me cala.
Um bombardeio de palavras não ditas, aflitas,
nos tímpanos a repicar, me faz parar.
Assim, abre-se um portal sem fim
E eu casulo, me fecho em mim.
Decepcionado por ser calado, se tenho a fala como lega-
do,
Com equidade, dou um passo à frente, saio da inércia
mais consciente.
Toda guerra é um engodo de palavras, um embrulho
com paz e amor.
Abaixo orgulho!



TELA FOTOGRÁFICA

Há um céu de pincelada,
Qual, igual ninguém pintou,
Como uma cinza soprada
Do fogo do Criador,
Registrado pela ótica
De um artista sonhador

Equilíbrio, fundo e luz,
Texturas, tons, movimento.
A lente de tal fotógrafa
É feita de sentimento,
Capturou com perfeição
Da terra até o firmamento.



DAS BANDAS DO QUICÉ

Moro longe, em terra plana
E bem pra lá de uma semana
Que notícia num dá pé.
E daqui a bem dez léguas,
Fica a Baixa da Égua
E o Pico do Sopé,
Pois, a última que chegou,
Pela boca de um doutor,
Vem das bandas do Quicé.
E espie bem a doidice
Que esse tal doutor nos disse,
Veja a coisa *cuma* é.

Um contratado matador,
Pelo nome não encontrou,
O cabra a quem ele quer,
Agora anda indeciso,
Pensa que não foi preciso
Na anotação do *papé*.

Lá no *papé* tá escrito
E num grifado *inté bunito*:
“José do Monte Coité”.
Foi aí que ele errou,
Por isso, *num* encontrou.
Lá, José *né* qualquer um,
Mas qualquer um lá é Zé.

Dúvidas e Luz

Tem Zé de Juana,
Zé Tereza, Zé Maria,
Zé da Noite, Zé de Dia,
Zé Antônio, Zé Mané,
Zé das Baixas, Zé do Morro,
Tem Zé Só e Tem Zé Povo,
Mas nenhum desse é José.



Arte e Vida

17/01/2014

É o silêncio, uma tristeza,
gritos presos aos ouvidos,
Premeditação, indelicadeza.
Quem muito cobra, nada paga;
Quem nada dá, tem muito à mesa.
É o prenúncio do escondido.
Quem muito quer, tem avareza.
É muito fácil se enganar.
Se a covardia é a fraqueza,
A vida é palco a se atuar.
Viva a arte e sua destreza!



CONFERIR EDUCAÇÃO

No Brasil, é um perigo
Falar em transformação.
Se o Estado é omissor
As leis de revolução.
Os pensantes são calados
A ferro, bala e prisão.
Educação jesuítica,
Pombal, exterminador,
Língua mater, nunca escrita
Fica a do conquistador.
Saga de Mares maldita
Índio, negro, professor...
Culturas aniquiladas,
Histórias ricas, perdidas,
Vergonha da covardia
Da raça branca metida
Neste meu sangue cafuzo,
Confuso com tal ferida.
Mestiçamente falando,
Compomos uma nação
De culturas diferentes,
Todas em degradação,
Que, ora, se distanciam
Buscando integração.
É preciso unificar,
Respeitando as diferenças,
Viver juntos, comungar
Dividir o que se pensa,
Os direitos igualar,

Zerando as indiferenças.
Não importando o lugar,
Nem da raça que eu surgi,
Pois, as dores que eu causei
Eu mesmo quem as senti.
A união de misturanças
É que unifica meu país.
Não posso entrar na guerra
De classe, língua ou poder
O exército que morre à míngua
É dos que não sabem ler,
Prisão dos desassistidos
Por não saberem escrever.
Façamos leis libertárias,
Ousem da emancipação,
Metrópole, campo ou cidade
Do centro ao último rincão,
Seremos iguais de verdade,
Só através da educação.
Aqui, no meio do povo,
O poeta diz o que pensa
Vamos, nós, dar vez e voz
Aos donos da sapiência,
Se o povo tem maestria,
A educação tem regência.



MORTE EM MASSA

Tombou Antônio Silvino,
Tombou Conselheiro,
Também tombou Gandhi
E Cristo o primeiro.
Enterrou-se Guevara,
O maior guerrilheiro,
Foi-se Lampião
E seus companheiros.
Renasce Bin Laden,
O novo herói,
Subtraem afegãos,
É mais baixa pra nós,
Mas o rato amorcega-se
E permanece feroz.
A esperança ressurge,
Nada mais me dói,
Não busco vingança,
Não faço pirraça,
Só quero justiça.
Contra as desgraças,
Não vendo minha vida
E a oferto na praça,
Arrancando os olhos
De vitrine a vidraça.
Hoje, as personagens
Não mais se disfarçam.
...Há morte em massa.

IMAGENS E SONS

A “porra”, é quando a palavra “silêncio”, em mim está em um outdoor, do tamanho do meu campo de visão, expandido. Porém, o cérebro não entende e o corpo passa, em pensamentos, atropelando tudo. Queria beber a seca do nordeste pra não haver fertilidade de barulho em meu terreno de pensamentos.



POESIA DO BECO

A poesia do beco,
Ao lado da praça,
Arquitetando palavras
Com força e com raça.
O poeta no beco,
A arte no varal,
O povo sentindo,
O transcendental.
O poeta que tem
Guindaste nas letras,
Com palavras que ardem
Tal e qual malagueta.
A poesia do gueto,
Trazida pro beco,
Poesia do agora,
Pura expiração,
Traz amor e revolta,
Arte e educação.



NÓS, LABIRINTOS

Nenhuma causa humana é individual,
Tudo é coletivo, somos faíscas de nossa cultura e
personagens dos nossos desejos mesclados com
sentimentos de nossos semelhantes.
Nunca somos, ou seremos, nós mesmos,
Apenas reflexos e sombras,
Desejos e personagens,
Psique e razão
Somos e não somos.
Basta nos achar para sabermos que estamos perdidos.

A BARRACA DA PRAÇA CAIRU

Sou poeta e cordelista,

Trago versos na cachola,
Ouvir mestres do repente
Me alimenta e me consola,
É cultura identitária
no papel ou na viola.

Salvador dos ACMs,
centro de perseguições,
“Pelourinho, cartão postal”
fez muitas mutilações
contra a arte de Cuíca,
Netinho comanda as ações.

Coronéis da Casa Grande
sem a arte do contato
sabem o poder da palavra
dos menestréis “abstratos”,
que como cloro corrói
a sujeira destes “ratos”.

Cordel, além de cultura,
é jornal e informação,
é ficção e denúncia,
viés de educação,
é aparato político
e algemas para ladrão.
Ano de copa do mundo,
fazer limpeza é o “vate”

sendo a ordem da faxina:
“sai das ruas quem faz arte,
independentes ou do contra
só deixa os da nossa parte”.

Paraíba, Bule-Bule,
Maurílio de Mundo Novo,
Franklin Machado, os doutores,
sou da era “cordel novo”,
defendam a arte e o direito...
por elas, eu mato e morro.

Aos amigos cordelistas, vamos juntar vez e voz
Chico Leite, Jotacê,
João Bosco e Souza Queiroz,
Guegueu, Zumar e Anastácia,
Zahia e Biéis vem veloz

Defender a nossa arte
no estado da Bahia,
nos botecos, praças, ônibus,
combatam a tirania,
Em shows, escolas e simpósios,
versem com sabedoria.

Enquanto o espaço não chega,
conclame a todos mais,
professores, estudantes,
divulgadores iguais.
Compartilhem nossa luta
pelas redes sociais.

BORBOLETAS VINHO EM CALÇA

05/01/22

Borboletas cor de vinho a beberem no sofá,
Poeta no desatino, do bom vinho a degustar,
Na viagem do destino de outro poeta a pensar,
Borboletas, calça, causam grilos...
Taça, vinho, vem molhar
Palavras secas, segredos,
Velhos medos a expulsar.
Caças, pernas, borboletas
Vinham, iam, vinho, vinho tinto a viajar.
Vinda vida metamórfica
Degusta.
Diz gostar, ao poeta a provocar.

Ailton Ribeiro

SONHO DE MENINO

Quando eu crescer e ficar grandão,
Vou pegar no céu com a minha mão,
Vou ser diferente de todos vocês
E fazer tudo aquilo, que jamais se fez.

TERCEIRIZAÇÃO DO HOMEM

Ansiedade no mundo,
Falta de espaço,
Homens indecisos
Giram sem compasso,
Mas o mundo lhes gira,
Fazendo um embaraço.
Sou o mundo que gira,
Sou o homem que traço,
Sou o terror biológico,
No nordeste, sou cangaço
Buscando salvar o mundo,
Fazendo um grande arregaçó.

CONSCIÊNCIA

Brasil 1990

Não adianta elogiar-me, pois,
eu sou a merda que espalha este horrível odor sobre o
mundo.
De tão ruim que eu sou,
até o cu, pelo qual eu passo,
não me aceita.
Após tanto tempo de convivência,
ele me recusa,
cuspindo-me,
jogando-me para fora do seu interior,
pois, eu sou a merda vencida do cu podre,
sou o presidente do Brasil.

A META

Não deixe que a meta minta, conserve a mente
consciente, para que sinta a busca e não cometa, acinte.



CRIA, ATURA E CRIAÇÃO

22/07/2018

Te construo em poesia,
Te fantasio para mim,
Dou-te ritmo e melodia,
Dou sentido e crio o fim,
Forma, sentimento e sonhos,
Palavras escritas em nanquim,
És junção dos meus desejo,
És tu mesma, que eu não fiz,
És concreta prisioneira,
Mas, livre no existir.
És a razão em tu mesma,
Rabiscos que saem de mim,
És testamento e decreto,
És documento e abrigo,
És o mandado de busca,
És carta escrita ao amigo.
És verdade e ficção,
Composição e artigo,
Tu és segredo e saberes,
És desejo e emoção,
És a vontade e a justiça,
És vingança e proteção,
És prazeres e pecados,
Criatura e criação.

POESIA NORDESTINA

04/01/22

Minha poesia é poeirenta,
É água barrenta,
É chapéu de couro,
É sol cor de ouro,
É mandacaru,
É caatinga seca,
Ardor, malagueta,
É verde aveloz,
É sol que corrói,
É eu e é tu.
É o doce da cana,
É o sossego da cama,
Travo de caju.
Minha poesia é identidade,
É mentira e verdade,
É lei nordestina.
Minha poesia
É o seu José,
É dona Izabé,
É menino e menina.
Minha poesia
É o livro fechado,
É o chão rachado,
Onde a flor nasce,
É caneta e justiça,
Lei do bacamarte,
É agreste e serão,
É amor e paixão,
Ela é pura arte.

POESIA CONTEMPORÂNEA

Vamos quebrar todas as regras,
Vamos derrubar as estruturas,
Vamos construir um mundo novo,
Vamos dar cultura ao nosso povo,
Vamos incentivá-los a viver mais,
Vamos lhe mostrar o que é ser gente,
Vamos ensiná-los a serem livres,
Para se tornarem independentes,
Vamos transformar nossa Nação,
Vamos refazer a educação,
Vamos acabar com a hipocrisia,
Temos que reensinar a burguesia.
Nosso povo já precisa progredir,
Mas o momento foi feito pra refletir,
Precisamos estudar novos processos
Para, assim, reformularmos o congresso.
Vamos ensiná-los a dividir
Para que todos possam mais se divertir.
Não vamos todos acreditar em uma só meta,
Precisamos estudar novos poetas.



AEROQUASE MOÇA

04/01/22

Eu não sei dizer direito
O que foi que aconteceu
Com os traços do destino
E os passos do desatino
Na mão que a Cigana leu.

Se ela estava com borracha
E o traçado ela apagou,
Se o que estava lá escrito
Estava em hieróglifo
E ela não decifrou.

Mas sei que passou foi tempo
Pra poder me acostumar
Com a história da Cigana
Que disse pra mãe: ‘bacana,
tua filha vai voar’.

Mãe sabendo do meu sonho
De aeromoça me tornar,
Tratou dos preparativos,
Não foi só um lenitivo,
Me obrigou a estudar.

Estudei diversas línguas,
Rumo à preparação:
Francês, inglês, mandarim,

Tudo de melhor pra mim,
Pra exercer a profissão.

Me dediquei aos estudos,
Nem pensei em namorar,
Assim, fui ganhando idade,
Nunca tive vaidade,
Meu desejo era voar.

Fiz o concurso,
Sei que estava preparada
E certa que eu passei,
Até de casa mudei,
Mas nunca que fui chamada.

Se tudo tem validade,
Muito tempo se passou,
Por traz disso tem maldade,
Eu fiz nova faculdade
De engenharia de voo.

Hoje, com outra idade,
Também com outra cultura,
Voltei-me pra educação,
No caso da aviação,
Eu não tinha era estatura.

Desiludida com as coisas,
Mas com formação eclética,
Graças ao erro da Cigana,
Eu vou vivendo meu drama,

Voando por ser poeta...

Sou fiel as minhas crenças,
Carrego meu sonho e sina,
Sou filha do meu nordeste,
Mulher forte, que se veste
Da professora Karina.



O DIA FINAL

Sei que é grande a demora
De morrer, mas morrerei
Sem levar uma saudade
De quem eu tanto amei.
A vida é coisa boa,
Mais ruim que ela é a morte
Odeio ver as pessoas,
Dizerem que não têm mais sorte.
Com a vida, tudo somos,
Até depois do além,
Mas, sem ela, eu vos digo
Que nós não somos ninguém.
Lembro os pontos cardeais
Leste, Oeste, Sul e Norte,
No mundo tem coisa triste
E nada é pior que a morte.
Quantas missas eu ouvi?
Não lembro, nem sei contar,
Não fiz só o bem na vida,
Nem tudo eu fiz sem amar.
Tudo isso que vos digo
Não são coisas que senti,
Tudo são coisas dos outros,
Coisas que eu já ouvi.
Foi um sonho que eu tive,
Que tudo isso dizia:
“Chegando ao fim do mundo,
Só terá noite sem dia.”

PARA OS SUICÍDAS

De todos os animais irracionais que conheço, o que menos raciocina é o homem. Talvez, por isso, ele seja denominado homicida e até suicida.



DA EVOLUÇÃO

Na impossibilidade de amar, ainda com a simplicidade das flores, o homem realiza seus desejos mentais e espirituais.



NOSSO MUNDO

Deus criou o universo,
Do universo, os mundos;
Do mundo, surgiu o homem
E do homem, o vagabundo;
Do vagabundo, a mentira;
Da mentira, a traição;
Da traição, a vingança;
Da vingança, veio a terra.
Foi aí que surgiu Eva,
Da costela de Adão,
Eva, muito obediente,
Parecia ser fiel,
Mas traiu seu próprio Deus
Com uma serpente cruel.
Não é só minha escritura,
Isso são contos do céu.



POVO X POLITICOS

O louco come o lixo,
O lixo come o Chão,
O Chão onde pisa meu pé,
Pé que me faz caminhar.
Ah, se não fosse o louco, onde eu ia pisar?
Se o louco não comesse o lixo,
Se o lixo só comesse o Chão,
Eu tinha de flutuar.
Então, pra que falar do louco, se ele vem me ajudar?
Mais loucos são aqueles que jogam lixo no Chão, onde
vão ter de pisar.

VOCABULÁRIO:

LOUCO - POVO REVOLTADO

CHÃO - BRASIL

PÉ - CONSTITUINTE

LIXO - *POLITIQUEIROS* BRASILEIROS



A MORTE

Criatura Oculta, ninguém que vive a vê. Veem sua etapa cumprida, seu trabalho interminado, seu currículo sem férias, suas passagens sofridas.

Criatura Indiscreta tentou ganhar a vida do próprio inventor da vida. O inventor deu a vida para ter o amor e hoje ela tira o amor da vida.

Criatura Abstrata nunca é vista por viventes, quem a vê, não é mais visto, quem a viu, não nos vê mais.

Criatura Invencível, nem o próprio criador conseguiu [sobrevivê-la, ninguém a vencerá.

Caçadora que jamais erra uma caça, negociante que jamais dispensa uma dívida, por mais que fujas, tu não escaparás dela. Se tentar vencê-la, não conseguirás e serás destruído. Se unir-se a ela, será levado por suas falsas palavras, frases e orações.

Oh, Criatura Imortal!



OS EUS DISTANTES

Têm dias que a distância entre dentro de você e você
parece que equivale a uma vida inteira de solidão.
Tudo por conta de momentos felizes,
que viraram motivos de tristezas,
onde a solidão e os resquícios de lembranças
fazem-se o porto em que habitam os muitos *eus*
entre estes dois prontos.

ONDE... SOU...

Estou indo para bem longe, sou pobre e esperançoso, te deixo aqui nesta terra com um pedaço de mim.

Estou indo para bem longe, terra onde não conheço, estrada que não mereço. Por ti, ainda vou passar.

Sou um garoto perdido no mundo, não tenho abrigo, nem tampouco onde ficar. Sou eu um pobre inocente, no mundo não tenho parente, eu não sei nem quem eu sou.

Sou um garoto amigo, quase não tenho inimigo, eu só quero é ter valor.

Hoje, estou nesse mundo, fazendo e ferindo amigos, eu só mereço é castigo, por tudo que eu já fiz. Só que já sou castigado por amigos, sou magoado por não ter tudo que eu quis.

Essa é uma despedida, já é hora da partida e eu quero lhes falar: Hoje, vou embora daqui, não tendo aquilo que eu quis, trabalho só pra ter um lar.

Luto pra ter amizade, pra ter amor e igualdade, quero
[viver e amar.

Às vezes, prefiro a morte, eu acho que não tenho sorte. Se nada eu conseguir, tanto que eu lutei, quase não me lamentei, minha vida era sorrir.

Nasci no mundo sozinho, sem ter pai, sem ter carinho, sem família pra educar... Fui eu um grãozinho fecundo, que chegou aqui neste mundo e não consegui me amoldar. Muitos me chamam de otário, pois sempre fui solidário, tudo eu quis estimular. É triste, entrei na guerra, hoje deixo essa terra, onde não posso ficar. Sou um grãozinho crescido, vivi e nunca tive abrigo, me ajude a me

[encontrar.

A coisa que eu mais queria, era poder ter, um dia, uma família e um lar.

JACOBINO E GIRUNDINO

30/10 2017

Vejo uma briga ferrada
Ente dois meus camaradas
Que se torna imoral.
Dois amigos de infância,
Que se perdem entre as tranças,
Na fuligem dessa dança
Do egoísmo ao social.
Um esquerda, outro direita
A política na sarjeta
Cada um a defender
Partidos ideológicos,
Num modelo bem egóico,
Que os fazem paranoicos,
Por sapiência e poder.
Dois cidadãos educados,
Dois pensadores letrados
Na oratória, a brigar.
Márcio Melo e All Cícero,
Por favor, parem com isso
E deixem de rebuliço,
Sentem os dois pra conversar.
Deixem as ofensas de lado,
Vocês que foram educados
Artistas do lecionar.
Eu, assistindo daqui,
Revendo Sartre e Camus,
Sem poder interferir.
Mas pensem, reflitam já,

Só quem perde é a história
Dois guerreiros da oratória
No espetáculo do poder,
O sistema nos engole,
Não sejam miolo mole
Não deixem que lhes enrole.
Sejam os donos de vocês
Unifiquem as ideias,
Não criem mais verborreia,
Unam o saber e a arte.
Se o povo é mal educado,
Deem conta do seu legado.
O poder quem cria lado,
Dando faca ou bacamarte,
Jacobinos e Girundinos
Degladiaram na França,
Pensaram como criança,
Poder rendeu a ganância,
Foi-se a direita e a esquerda
Mergulhar em tirania
Mais que o clero fazia...



A TERRA DA TAPIOCA

27/11/19

Eu vou contar, garanto que não esqueço,
Venho falar de Bonfim, a terra do Bom Começo.
Eu vou cantar, me espanto, pois não mereço,
Vila Nova da Rainha estética, sem adereço.
Sou mais um pé rachado, enveredado no mundão,
De sanfona presa ao peito, desterrado do sertão.
Sou filho da valentia, discípulo de Gonzagão,
Transporto a alegria bem perto do coração.
Já toquei em casamento, fiz festa de cantoria
Musiquei alguns lamentos, pratiquei nas romarias.
Na cidade onde nasci, todo som da poesia,
Ouvindo Lúcio Barbosa lamentar no cidadão
ou nos dedos de Walter Santos, a tocar seu violão,
iniciando a Bossa Nova com João Gilberto, meus irmãos
Rogério e Luiz Moreira, tem Deny e João Bagá,
Tem Zécra de Ozelina, por favor, tentem escutar.
Autor de “Roda do Palmeira” e “Puxador do Caroá”,
Aqui também passou Hildo da casinha de sapê
Tem música de todo tipo, pra se ouvir e aprender.
Têm mundos que gira gente, tem gente a girar você,
Tem gente que gira o mundo, maus políticos que não vê,
Elevando a cidade, tem gente por merecer.
Cidade de tantos músicos, ninguém pode desmentir,
Capital baiana do forró, do bom Cicinho de Assis,
Esse sim me representa mais que o jogador de copa
Cantou na América do Norte e com os mestres pela
[Europa
Sempre que vem a cidade, no Bonfim III, dorme e se
[entoca
É a música que muda a vida, na terra da tapioca.

NOVA DISCUSSÃO CULTURAL

03/03/2018

Escola sem partido, arte sem sentido,
Cultura da amnésia, artistas esquecidos,
Músicas afônicas, poemas não lidos,
Golpes, maquiagem, povo escondido,
Cultura ignora, mestres, bandidos
Delírios utópicos, sábios, excluídos
Ascensão de hipócritas, atores banidos,
Ferve a verve, ao som do ouvido,
Cega a mente, no mundo colorido.

DIA DO POETA

20/10/2014

Por que querem um poeta alinhado, de poemas em papel?
Por que buscam um poeta comportado, em sentimentos e ações?

Por que teimam em ter um poeta mais sensível que a alma de uma mãe?

Querem pintar um espectro de humano,
Que rabisque o sentimento como máquina em perfeição...
Como constroem os seus bonecos para as farsas sociais.
Um pierrô da oratória alienado.

Antes, quero eu, extravasar na loucura de ser eu.

O que fala, o que escreve, o que pensa,
Extravasar em não falar, em não pensar
E nem ser quem querem que eu me faça.

Eu sou assim.

Até não sou.

Sendo o que sou e nunca sendo a mesma coisa.

Antes, o bêbado, o louco, o anormal,
Do que o certo *enquadrado*, em vossa farsa do imoral,
Que simboliza e oprime o poema no seu meio social.

Eu só quero ser poeta...

E ser poeta é ser assim:

Sou mesmo besta, um poeta, sou um tolo, um infantil.

O que seria um poeta

Se não os olhos, para ver o que passou e não se viu?

Dúvidas e Luz